

ÁREA TEMÁTICA:

Gestão do Agronegócio na Amazônia

TÍTULO:

A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA GESTÃO DE EMPREENDIMENTOS
SOLIDÁRIOS

Décio Bernardes de Souza

dercio_souza@yahoo.com.br
Universidade Federal de Rondônia

Cleonice Brito da Silva

cleonice_ternura@yahoo.com.br
Universidade Federal de Rondônia

Mariluce Paes de Souza

admunir2106@yahoo.com.br
Universidade Federal de Rondônia

RESUMO

As diversas condições em que vivem homens e mulheres são ocasionadas pelas construções sociais e econômicas, as quais geraram diferenças, em que nas relações de gênero os homens não são mais os únicos responsáveis pelo sustento da família, pois, as mulheres têm buscado alternativas de inserção na produção, encaradas como complementar às suas obrigações e responsabilidades. Os empreendimentos econômicos solidários abrangem desde grupos informais, a associações e cooperativas e se apresentam como uma possibilidade de rompimento com o modo de produção capitalista e se mostrando como um caminho viável de inserção social e econômica, principalmente da mulher no papel de gestão desses empreendimentos. Assim, pautado numa pesquisa qualitativa e de cunho exploratória descritiva o objetivo deste estudo é descrever a participação da mulher na gestão do empreendimento econômico solidário Cooperativa de Triagem Recopera na cidade Valinhos – SP. Como resultado observou-se que a participação das mulheres na cooperativa é maior em relação aos homens. Elas estão à frente da administração e produção e confirmaram, através da pesquisa, que não há diferença entre eles, todos/as têm os mesmos direitos e deveres. A mudança é percebida na auto-estima, nas relações com as pessoas e com a natureza, e tem ajudado na conscientização ecológica orientando a população de Valinhos a fazer a coleta seletiva do lixo. A Cooperativa uniu pessoas no mesmo sonho, criou redes de relações dentro e fora, abertura para acolher novos sócios, e conquistou para seus sócios um espaço próprio para armazenamento dos materiais que serão reciclados.

Palavras-Chave: Gênero; Economia Solidária; Empreendimentos Solidários.

1 INTRODUÇÃO

Transformações nas esferas políticas e econômicas dos últimos anos fizeram com que ocorrem mudanças nas relações de trabalho. O processo de globalização, aumento do desemprego e a criação de novas tecnologias de produção desencadearam a expansão de novas formas de organização do trabalho e produção, dentre essas formas destaca-se a economia solidária. Entende-se por “economia solidária” o conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito, tendo por base práticas de autogestão, respeito ao meio ambiente e comércio justo.

A economia solidária se materializa por meio dos empreendimentos econômicos solidários (ees) que abrangem desde grupos informais, a associações, cooperativas, chegando às empresas recuperadas – chamadas autogestionárias. Singer (2002) considera os empreendimentos solidários como uma possibilidade de rompimento com o modo de produção capitalista. Acontece em vários lugares do país e em outras regiões do mundo. Pode ser encontrado tanto na área urbana como na área rural e no Brasil tem sido destaque em debates e ações em Fóruns Regionais de Economia Solidária que têm apoio de entidades parceiras e do governo.

A questão de gênero se refere às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social de longo caminho em que sua participação, historicamente, é vista como reprodutora da espécie, frágil e incapaz de assumir a direção de uma família ou organização. “Ela não vive com os outros, mas para os outros”. Porém, houve mulheres que se organizaram contra a milenar discriminação com base no sexo e que tentaram oferecer uma resistência ativa e passiva aos desafios encontrados na sociedade capitalista (BICALHO, 2003).

As diversas condições em que vivem homens e mulheres são ocasionadas pelas construções sociais e econômicas, as quais geraram diferenças, em que nas relações de gênero os homens não são mais os únicos responsáveis pelo sustento da família, pois, as mulheres têm buscado alternativas de inserção na produção, encaradas como complementar às suas obrigações e responsabilidades. Assim, a economia solidária vem se mostrando como um caminho viável de inserção social e econômica de homens e mulheres, principalmente os mais excluídos socialmente.

Nos empreendimentos solidários, quanto menor o seu tamanho, maior é a participação relativa das mulheres. No total de empreendimentos pesquisados por Santos (2007) verificou-

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

se que 16% são compostos só por mulheres (16%), enquanto que os com predominância masculina chega a 11% e os demais empreendimentos mistos, somam 73%.

Esses elementos que foram levantados acima por Santos (2007), percebem-se que a questão de gênero precisa ser mais aprofundada para uma compreensão dos problemas e dificuldades que as mulheres enfrentam no trabalho, na vida pública, na sexualidade, na reprodução e na família.

No Brasil, uma das ações para fortalecimento dos empreendimentos de economia solidária tem sido a criação de Secretarias Municipais, Estaduais e a nível Nacional, para debates tendo presente avançar na garantia dos direitos dos (as) trabalhadores (as), como também reforçar a cooperação com o Estado, em especial, garantindo o controle social das políticas públicas.

O MTE - Ministério do Trabalho e Emprego – Governo Federal, através da SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária realizou no ano de 2007 um mapeamento de empreendimentos de economia solidária. Essa ação do MTE contribuiu como instrumento para a realização do encontro de diferentes entidades na missão de conhecer o universo da economia solidária em todo território nacional.

Considerando o movimento crescente da economia solidária no Brasil, bem como as políticas públicas setoriais e levando em consideração o crescente espaço que a mulher foi assumindo no decorrer da história nos diversos universos: trabalho, família, igreja, na política (SANTOS, 2007) busca-se responder a seguinte questão: Qual é a participação da mulher na gestão de empreendimentos solidários?

Na Região Sudeste do Brasil, especificamente no interior do Estado de São Paulo tem-se um empreendimento de economia solidária, a Cooperativa de Triagem Recoopera situada na cidade de Valinhos, que tem passado desde sua fundação por diversas transformações e com significativa participação de mulheres como cooperadas. Assim, o objetivo deste estudo é descrever a participação da mulher na gestão do empreendimento econômico solidário na Cooperativa de Triagem Recoopera que está presente na cidade de Valinhos-SP.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A economia solidária nasceu pouco depois do capitalismo industrial, como reação ao empobrecimento dos artesãos, que foi provocado pela implantação de maquinários e da

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

organização fabril da produção em massa. A exploração do trabalho nas fábricas não havia limites legais e ameaçava a reprodução biológica do proletariado, isto é, o trabalhador urbano ou rural, que não era possuidor dos meios de produção e tinha como única mercadoria de venda a sua força de trabalho. A exploração era de uma dimensão escandalosa, principalmente em relação às mulheres e as crianças. (SINGER, 2002)

Diante dessa situação desumana, no dia 08 de março de 1857, as mulheres trabalhadoras de fábricas de vestuário e têxteis da cidade de Nova Iorque, decidiram paralisar seus trabalhos e começaram uma marcha protestando contra os baixos salários, as más condições de trabalho, e contra a jornada de trabalho de 12 horas diárias. Porém, a força policial reprimiu com violência a manifestação e, obrigou as trabalhadoras a entrarem na fábrica. Os proprietários das fábricas e os policiais trancaram-nas no local e atearam fogo, matando 129 mulheres carbonizadas.

Mas a luta dessas mulheres não ficou esquecida pela história, foi proposto no ano de 1910, na II Conferência Internacional de Mulheres que se realizou na Dinamarca que o dia 08 de março fosse declarado Dia Internacional da Mulher em homenagem as trabalhadoras mortas em Nova Iorque, mas também realizar encontros, debates, reuniões com o objetivo de tratar sobre o papel da mulher na sociedade atual no esforço de diminuir e um quem sabe acabar com o preconceito e a desvalorização que as mulheres ainda sofrem.

No entanto as reivindicações continuaram por causa das jornadas de trabalho que eram longas e os trabalhadores sofriam as conseqüências fisicamente, e muitas vezes levando-os à morte. A classe trabalhadora cansada, pelas longas jornadas de trabalho e dos baixos salários fizeram, na cidade da Grã-Bretanha, as primeiras reações à exploração capitalista e a primeira revolução industrial (SINGER, 2002)

As antigas corporações de ofício de artesãos qualificados criaram os sindicatos que por sua vez constituíram as cooperativas. Já no início do século XIX, os trabalhadores dessas corporações tentaram lutar contra a implantação das máquinas fabris e do avanço tecnológico, porém, não conseguiram. Perderam seus postos de trabalho, porque a indústria vinha para ficar, e ficou até os dias de hoje (SOUZA, 2003).

A idéia e a prática dominantes de desenvolvimento estão relacionadas à economia de mercado, de modelo capitalista. Não é certo pensar que existe somente um modelo de desenvolvimento e de economia. Ao longo da história foram muitas as alternativas de mudanças para uma economia em que a vida do trabalhador estivesse em primeiro lugar e não o capital. Percebe-se claramente essa busca nas muitas comunidades camponesas tradicionais,

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

de indígenas, de quilombolas, ribeirinhas, seringueiras, catadoras de coco babaçu e outras. Elas já caminham, à sua maneira, rumo a outro tipo de desenvolvimento em que a economia deve ser um instrumento a serviço da liberdade e da dignidade humana (CAMPANHA FRATERNIDADE, 2010; GUÉRIN, 2005).

Conceitualmente, a economia solidária tem sido discutida e utilizada em vários continentes, com definições diversas que giram ao redor da idéia de solidariedade, em contraste com o individualismo utilitarista que apresenta o comportamento econômico dominante nas sociedades de mercado. Este termo, economia solidária, foi gravado nos anos 90, quando, por ação de cidadãos, produtores e consumidores, surgiram várias atividades econômicas organizadas segundo princípios de cooperação, autogestão, solidariedade, viabilidade econômica. Esses princípios têm uma forte ligação dentro da economia solidária (LAVILLE E GAIGER, pg. 162 - 2009).

- **Cooperação:** O termo cooperar deriva da palavra latina ‘cooperari’, formada por “cum” (com) e “operari” (trabalhar). Significa trabalhar em conjunto. Está associada às idéias de ajuda mútua, é um processo de interação social, onde os objetivos são comuns, as ações são compartilhadas e os benefícios são distribuídos para a coletividade. No sentido mais amplo, significa a ação coletiva de indivíduos com o objetivo de partilhar, de forma natural ou desenhada, o trabalho necessário para a produção da vida social (JESUS & TIRIBA, pg. 80, 2009).
- **Dimensão econômica:** é uma das colunas da motivação da união de esforços e recursos pessoais e de outras organizações para produção, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo. Tem como fonte principal o conjunto dos elementos de viabilidade econômica, estruturados por critérios de eficácia que visa atingir o objetivo planejado e pela efetividade, que é a habilidade de produzir um efeito que pode ser tanto positivo ou negativo que contém aspectos culturais, ambientais e sociais;
- **Solidariedade:** é exercida entre os membros dessas iniciativas, que colocam como valor entre si um vínculo social de reciprocidade como fundamento de suas relações de cooperação. A solidariedade está bem presente nos empreendimentos solidários na justa distribuição dos resultados obtidos, nas relações com a comunidade local, no compromisso com o meio ambiente saudável, na preocupação com o bem estar dos

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

trabalhadores/as e consumidores/as e no respeito aos direitos das pessoas. A solidariedade é um fundamento ético que guia para a formação de redes e sugere a responsabilidade com o social e aliança de interesses comunitários por meio da participação de atores e de organizações sociais (LAVILLE & GAIGER, pg. 162, 2009; Souza, pg. 34, 2003).

- **Autogestão:** é um projeto de organização democrática que privilegia a democracia direta. É um sistema em que todas as decisões são feitas e concretizadas em assembleias, que podem ocorrer em curtos intervalos, quando existe necessidade (MOTHÉ, 2009). Porém, quando a empresa é grande, as decisões são tomadas em assembleias gerais. E, para que a mesma se concretize é necessário que todos os sócios se informem dos acontecimentos na empresa e das alternativas disponíveis para a resolução de cada problema. Apresenta como um dos desafios, da autogestão, o desinteresse dos sócios muitas vezes se recusa ao esforço adicional que a prática democrática exige (SINGER, 2002).

As iniciativas de economia solidária cresceram ligeiramente, em diversas formas: cantinas populares, cooperativas de produção e comercialização, empresas de trabalhadores, redes e clubes de troca, sistema de comércio justo e finanças, grupos de produção ecológica, associação de mulheres artesãs, etc. Todas essas atividades têm em comum a essência da solidariedade sobre o interesse individual e o ganho material, que é apresentado pela socialização dos recursos produtivos e a adoção de critérios igualitários (LAVILLE e GAIGER, pg. 162 - 2009).

Um dos destaques da economia solidária é que ela anda na contra mão do capitalismo, porque nessa nova forma de economia as pessoas são respeitadas em sua dignidade, cooperam entre si, e não há competição entre seus membros. A solidariedade na economia só é possível de ser concretizada quando ela é organizada igualitariamente na produção, comercialização e consumo. Portanto, há contrato entre iguais em vez de ser contrato entre desiguais. Os sócios têm a mesma parcela do capital e, nas eleições todos têm o mesmo direito de voto em todas as decisões. Todos participam igualmente dos lucros, se ela for mal, acumulando dívidas, todos contribuem por igual nos prejuízos e nos esforços para liquidar os débitos assumidos (SINGER, 2002).

Nos empreendimentos solidários os indivíduos excluídos do mercado de trabalho ou motivados por convicções próprias se unem em alternativas coletivas de sobrevivência. As

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

mulheres são freqüentemente as primeiras atrizes das práticas dessa economia. Porém, o que é mais formidável é que essas experiências proporcionam uma oportunidade inédita para avançar na possibilidade para a conquista da igualdade de gênero (GUÉRIN, 2005).

Tais experiências consistem em espaços intermediários entre público e privado, trás como contribuição a anulação de algumas dificuldades impostas às mulheres. As iniciativas permitem a atuação da justiça de proximidade, essencial para o enfrentamento do caráter multidimensional da pobreza (LIMA E NEVES, 2007).

Ela consiste em primeiro lugar em corrigir as desigualdades provenientes de um acionamento deficiente dos direitos, em auxiliar as mulheres a melhor converter seus direitos formais em direitos reais. Em segundo lugar, ela consiste em completar esses direitos, cuja neutralidade se mostra insuficiente para abrandar as desigualdades provenientes de sua trajetória pessoal, de seu pertencimento de sexo, de seu pertencimento a um grupo social ou a um bairro desfavorecido (GUÉRIN, 2005, p. 19).

A participação das mulheres neste novo modelo de economia é devido à vulnerabilidade vivenciada no excludente mercado de trabalho. Para uma melhor compreensão dessa desigualdade e exclusão é preciso conhecer a caminhada histórica das mulheres e ver o contexto de cada época. É necessário aprofundar as questões de gênero para compreender o porquê da invisibilidade das mulheres na economia capitalista.

2.1 Questões de Gênero

A questão de gênero se refere às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social ao longo de um processo (FREIRAS, 2003). Investigar as relações entre os sexos na esfera das relações sociais tem representado um grande desafio para os estudiosos das questões de gênero. Trabalhar a categoria de gênero nos convida a avaliar a situação feminina a partir da relação social colocada entre o ser masculino e o ser feminino, construções culturais permeadas pela hierarquia e o poder edificado nas relações entre os sexos. (BICALHO, 2003).

Com esta investigação entende-se que a mulher e o homem são diferentes, mas que essa diferença não pode aprovar a desigualdade criada na historia que fez com que o ser masculino fosse superior ao ser feminino. Criou-se uma hierarquia de cidadãos e cidadãs por gênero, classe e raça. Para compreender melhor a desigualdade e a razão da invisibilidade da

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

mulher na economia capitalista, na família e na religião é preciso investigar seu papel na história.

A reprodução da espécie humana só é possível acontecer com a participação do homem e da mulher, e para dar continuidade à espécie precisou haver relações de convivência constante. À medida que as relações permanentes vão se desenvolvendo nasce a sociedade humana. Com as mudanças o padrão de vida do ser humano passa por modificações em vários aspectos: cultural, social, econômico, ideológico e outros. Desde o início a mulher é vista como aquela que reproduz e cuida do ser gerado, cuida da casa, como também trabalha no cultivo de plantas e criação de animais domésticos (BESSA, 2007).

Para Bessa (2007) a mulher na fase pré-capitalista além de ser colocada como reprodutora subordinada ao homem, normalmente era considerada frágil, incapaz para qualquer cargo de direção na família e nas organizações. O homem exercia poder dentro da família e na sociedade, favorecendo o nascimento de sociedades patriarcais, fundadas no poder do homem, considerado na época o chefe da família.

Sendo assim a mulher, dentro deste contexto, passou a “ser do homem”, uma reprodutora contribuindo para perpetuar a sua descendência e, com isso, a sexualidade da mulher foi sendo cada vez mais submetida aos interesses do homem. Portanto, o seu mundo era o espaço doméstico e seu “dono” o homem .

Com o surgimento das sociedades industriais há uma mudança no mundo do trabalho e no doméstico, porque já não são os homens apenas que trabalham, pois as mulheres de origem mais pobre foram submetidas ao trabalho fabril. Quando havia crise nas fábricas substituía-se o trabalho masculino pelo trabalho feminino, pois o salário era diferenciado, isto é, a mão-de-obra da mulher era mais barato. Além de receber baixos salários, terem dupla jornada de trabalho: na fábrica e na família, as mulheres ainda eram acusadas de roubar os cargos que pertenciam aos homens (BESSA, 2007).

É importante perceber como a Divisão, Sexual do Trabalho necessita ser compreendido nas relações entre homens e mulheres. O sistema patriarcal está inserido nas questões trabalhistas gerando com isso as desigualdades entre os gêneros e a opressão das mulheres. Nota-se a invisibilidade da mulher no capitalismo, porque para esse sistema ela não tinha capacidade intelectual e física para que o trabalho fosse reconhecido, e ter remuneração semelhante a do homem. Com isso, é reduzida a sua participação como cidadã em cargos de chefia nas empresas, espaço político, na família e outros. As decisões em todas as instâncias estavam nas mãos do homem. (BESSA, 2007).

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

Nesta sociedade capitalista a origem dos filhos passou a ser mais controlada, criando uma série de regras à sexualidade da mulher. Ela não era dona do seu próprio corpo, pois o mesmo pertencia ao homem que era seu senhor e marido. Na economia capitalista as mulheres jamais estiveram fora, apesar de serem excluídas, não terem visibilidade, terem os seus direitos trabalhistas negados, porém, sempre deram a sua contribuição.

Observa-se como marco fundamental dessa participação na história de luta e resistência no século XIX e da primeira metade do século XX, na França, o papel decisivo dos grupos de mulheres, no modo de organização sendo de inspiração laica ou religiosa no movimento associativo. Esse movimento liderado por grupos de mulheres tinham como objetivo responder às necessidades básicas das pessoas desfavorecidas de moradia, de saúde, educação e outros. Na atuação junto às pessoas mais necessitadas, nas experiências vivenciadas e nas reivindicações femininas criaram as profissões do trabalho social: educação e assistência social. As mulheres estiveram na raiz das primeiras escolas profissionais e dos primeiros centros sociais (apud ARCHAMBAULT, 1996; FAYET-SCRIBE, 1990).

As mulheres mais conscientes, determinadas e em busca dos seus direitos por melhores condições de trabalho iniciam uma luta que marcou a história. Elas tinham como pauta de reivindicação: melhores salários, licença-maternidade, creches, escolas, férias remuneradas e também o direito da maternidade.

Já no século XX as mulheres buscaram se organizar para continuar as suas reivindicações frente à sociedade machista e excludente. Lutam contra as formas de opressão e buscam a igualdade de direitos. Também a luta pela democratização das relações de gênero prosseguiu e com a Constituição Federal de 1988, a mulher conquistou a igualdade jurídica. O papel do homem como chefe de família deixa de existir e a mulher passou a ser considerada um ser capaz quanto o homem (BESSA, 2007)

13

A participação das mulheres em atividades remuneradas aumentou principalmente nos últimos trinta anos. Essa mudança é decorrência de um conjunto de transformações de ordem social, econômica e cultural (LIMA E NEVES, 2007). Porém, mesmo com essas mudanças e conquistas a mulher continuou a sofrer a discriminação e opressão do ser masculino, porque as relações de gênero não estavam bem trabalhadas principalmente pelo homem.

Em diversas pesquisas realizadas apontam para uma forte desigualdade em relação às conquistas femininas na estrutura produtiva. Não que diz respeito à escolaridade, nota-se a presença de extremos entre trabalhadoras bem preparadas, que ocupam cargos importantes, e as mulheres que têm baixa escolaridade, estão em trabalhos precários e sem direitos sociais

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

(apud, NEVES, 2006; HIRATA, 2001/2002, BRUSCHINI, 2000; LAVINAS, 2000). É neste contexto que desenvolvem a informalidade e formas atípicas de trabalho como alternativas ao assalariamento.

Mesmo o “movimento” da economia solidária não reflete exatamente uma movimentação prévia ou de reivindicações coletivas, mas uma alternativa de sistematização de opções de trabalho e renda a partir de formas autogeridas de produção, como resistência ao crescente desemprego e à exclusão social de contingentes cada vez maiores da população (Apud, LIMA, 2006, p. 306)

A economia solidária pode ser uma verdadeira mola no processo de igualdade entre os sexos, por um lado, ao favorecer a emergência de espaços locais de mediação entre os diferentes domínios: monetário, doméstico, mercantil e público, tornando assim possível uma melhor articulação entre vida familiar e vida profissional; por outro lado, ao basear-se nesses espaços de discussão para expressar reivindicações e fazer pressão sobre as autoridades públicas (GUÉRIN, 2005).

3 METODOLOGIA

A metodologia trabalhada nesta pesquisa é de abordagem qualitativa de cunho exploratório-descritiva. A pesquisa qualitativa visa o entendimento do tema a ser abordado no presente estudo; como ferramenta para determinar o que é de fato importante e qual a contribuição junto aos empreendimentos de economia solidária; perceber quais são as questões marcantes a serem identificadas e quais as perguntas que devem ser formuladas; também a pesquisa quantitativa revelará áreas de consonância, tanto positivo, quanto negativo nos padrões de respostas.

A pesquisa descritivo-exploratória visa fornecer maior conhecimento sobre o tema ou problema de pesquisa em andamento. Clarear conceitos, familiarizar o analista com determinados problemas; gerar hipóteses ou explicações aceitáveis e aproximar áreas para um estudo mais aprofundado; estabelecer prioridades a pesquisar e outros.

Num primeiro momento a pesquisa assume caráter exploratório em virtude da pesquisadora buscou conhecer melhor o problema de pesquisa em estudo. Assim, foi feito levantamento de dados secundários, bibliográfica, documental e estatística (site – SIEES... SENAES).

Contou com as seguintes fases:

- Primeiramente foi feito um levantamento bibliográfico;
- Na segunda fase elaboração de questionário com perguntas fechadas que foram aplicadas na Cooperativa de Triagem Recoopera;
- A terceira fase destinada ao estudo de caso em uma cooperativa de mulheres para obtenção de mais informações frente ao problema apresentado, para torná-la explícita em sua compreensão. O estudo de caso foi realizado em novembro de 2011.
- A quarta fase da pesquisa foi destinada a tabulação dos dados primários por meio do software Excel usando gráficos para representação;
- A última fase foi destinada a análise dos gráficos e conclusão do estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Histórico: Cooperativa de Triagem Recoopera

A economia solidária representa o primeiro impulso para a inserção às alternativas solidárias. Nota-se isso, da participação das mulheres no setor de reciclagem que são iniciativas relativamente recentes e que em muitos casos, recebem apoio do poder público ou de entidades da sociedade civil.

A experiência pesquisada foi na Cooperativa de Triagem Recoopera, que está localizada na Rodovia dos Agricultores nº 241 no bairro Capuava na cidade de Valinhos-SP. Conta atualmente com 23 associados, sendo 04 homens e 19 mulheres. Elas assumem concretamente a administração e a produção. Tem como Diretora Presidente, eleita em março de 2011, Janine Silva Azevedo, tesoureira Rosangela Lima Silva e de um Conselho Fiscal.

Esta Cooperativa está inserida na política pública de coleta seletiva da cidade de Valinhos-SP. Ela conta com assessoria técnica do CRCA Centro de Referência em Cooperativismo e Associativismo, como também da Cáritas Arquidiocesana de Campinas-SP, entidade ligada a Igreja Católica e PUC Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

No ano de 1998 começou a formação da Recoopera, sua fundação e constituição legal aconteceram no ano 2000. Contou com a participação de vários agentes comunitários da Paróquia São Sebastião em Valinhos. Naquela época era muito comum encontrar pessoas coletando material reciclável e armazenando em sua residência sem nenhum cuidado com a

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

higiene e saúde. Diante de tal situação, a Vigilância Sanitária recebeu denúncia dos vizinhos e realmente constatou que não havia condições de continuar esse processo de armazenamento nas casas dos coletores. Irmã Antonia de Souza Barbosa, Missionária de Jesus Crucificado, confirma dizendo:

A Cooperativa foi fundada pela necessidade das famílias que guardavam tudo em casa e a fiscalização proibia tal ação. A solução seria fundar a cooperativa. Lutaram para fundar a cooperativa, foram em busca de pessoas que pudessem dar formação sobre o cooperativismo.

O catador avulso, como era chamado, vivia somente da coleta seletiva para o sustento de sua família. Naquela época um dos catadores avulsos o Sr. José Carlos desesperado por não poder guardar mais o material em sua casa por causa das denúncias e não tendo nenhum ganho para o sustento da sua família procurou o Padre e o mesmo o encaminhou para a presidente de uma cooperativa de habitação. A senhora Janete Mariana Barbosa Manali, que era secretária da Cooperativa de Habitação, mobilizou todos os agentes comunitários com o objetivo de ajudá-lo e trazer mais catadores que enfrentavam a mesma situação. Depois de vários encontros realizados e idéias partilhadas, teve início a formação de uma cooperativa através de pessoas carentes que eram atendidas pelos agentes das comunidades. Janete diz que:

A Recoopera foi criada por pessoas interessadas nas práticas sociais e ambientais. Vejo que não existe um fundador e sim fundadores.

As Irmãs Antonia de Souza Carvalho e Rosa de Souza Carvalho, ambas Missionárias de Jesus Crucificado, cederam o espaço na garagem da casa para o armazenamento dos materiais. Ir. Antonia que acompanhou desde os primeiros passos comenta:

Guardavam o material na casa das Irmãs, traziam da rua em carrinhos de mão, separava e vendia lá mesmo. A cooperativa nasceu na casa das Irmãs.

No início da cooperativa várias pessoas contribuíram para ajudá-la. Alguns exemplos concretos: uma vereadora comprou um pequeno caminhão para fazer a coleta, um advogado cuidou da legalidade da cooperativa, a senhora Janete Mariana Barbosa Manali administrava as finanças. Buscaram ajuda junto a Cáritas da Arquidiocese de Campinas e assessoria junto ao CRCA Centro de Referência em Cooperativismo e Associativismo para treinar os interessados na prática do cooperativismo.

Após o treinamento iniciaram o trabalho de busca de materiais para fazer a coleta seletiva de forma correta. O trabalho foi realizado de casa em casa nos bairros de Valinhos:

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

Jardim Jurema, São Marcos, São Luiz. Como o local era pequeno procuraram a Rigena – Empresa de Papel e Celulose e a mesma aceitou o trabalho em parceria cedendo um barracão maior para a Cooperativa. Também são parceiros os condomínios que contribuem com os materiais que são coletados para serem reciclados.

No momento da coleta de dados notou-se que a Recoopera possui um caminhão semi-novo proveniente de um Projeto encaminhado para a Adveniat na Alemanha que contou com o apoio solidário da Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado.

A Cooperativa de Triagem Recoopera não vende para atravessadores. Existe uma Cooperativa Central de vendas que comercializa o material de seis cooperativas, agregando volume obtendo assim um valor comercial maior. O trabalho é realizado de segunda a sexta-feira das 07h as 16: 00 h, uma média de 160 horas/mês, recebendo R\$ 650,00 a R\$ 700,00 por mês.

Foram várias conquistas e desafios ao longo da caminhada. Porém, os desafios ainda existem como constata a senhora Janete que assumiu como Presidente desde 1998 e deixou este cargo na Assembléia Eletiva que se realizou no dia 31 de março de 2011:

Hoje a maior dificuldade do projeto é a educação e a disciplina do cidadão. Precisamos desenvolver muitos projetos voltados à importância de separar, reciclar. Fortalecer o interesse do Poder Público, não temos profissionais com espírito e responsabilidade social.

Outra dificuldade partilhada pelos cooperados/as é o aluguel que pagam pelo barracão, para o armazenamento dos materiais que serão selecionados, prensados e enviados para a Cooperativa Central de Vendas.

É importante destacar que a questão de gênero não foi apresentada como desafio, porque na Cooperativa o trabalho é realizado por todas as pessoas, não há diferença, há respeito mútuo e solidariedade. Somente para dirigir o caminhão é feito por um homem, pois não tem nenhuma mulher com carteira de habilitação. Porém, já estão pensando em capacitar mulheres para essa função de motorista.

4.2 Participação das Mulheres na Gestão do EES

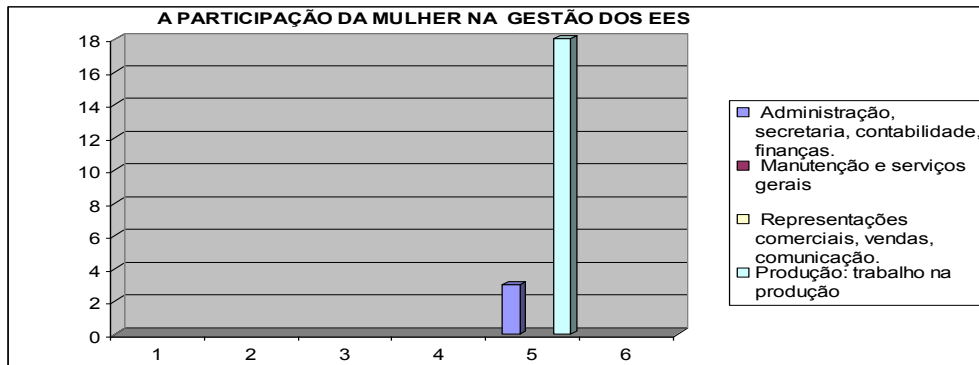


Gráfico 1: A participação da mulher na Gestão do EES

Fonte: Banco de dados da pesquisa

Observando o gráfico acima nota-se que a grande maioria das mulheres que trabalham na Cooperativa está inserida na produção e algumas estão à frente da administração. Percebe-se que, a participação da mulher na economia solidária é uma resposta a nova forma de produção e transformação social. Porque a sua participação é diferenciada em vários fatores tais como: inclusão de todas as pessoas, respeito às diferenças, luta pela conquista dos seus direitos na sociedade e busca constante de igualdade de gênero.

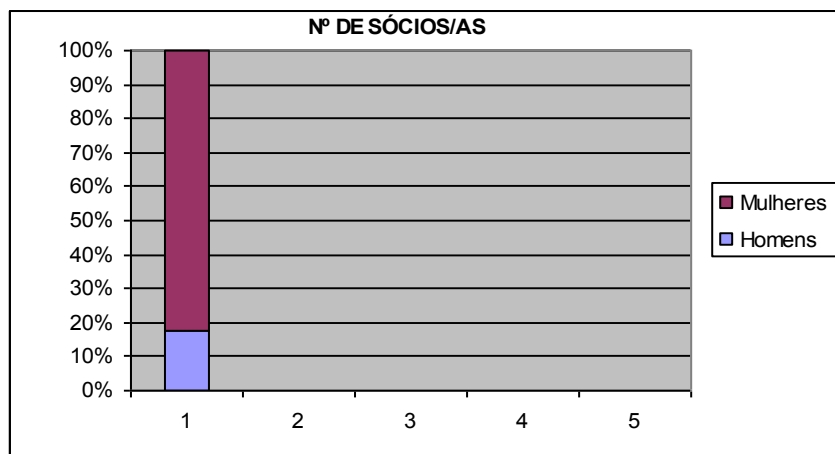


Gráfico 2: Número de sócios/as que trabalham no empreendimento

Fonte: Banco de dados da pesquisa

Nota-se através do gráfico acima que as mulheres nesta cooperativa, que são a maioria, encontram na economia solidária espaço de inclusão, de mudanças e, sobretudo de visibilidade. Conforme estudo, quanto menor o porte do empreendimento, maior é a

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia
Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

participação relativa das mulheres. Os homens representam menos de 20% do número de sócios, enquanto as mulheres somam 80%. Para as mulheres o emprego de doméstica, que algumas já vivenciaram, expõe as trabalhadoras em situações de exploração, em ações cotidianas, repetitivas e monótonas. Poder vivenciar uma atividade nova, com relações diferentes é fazer a experiência do novo e ter esperanças de melhorias.

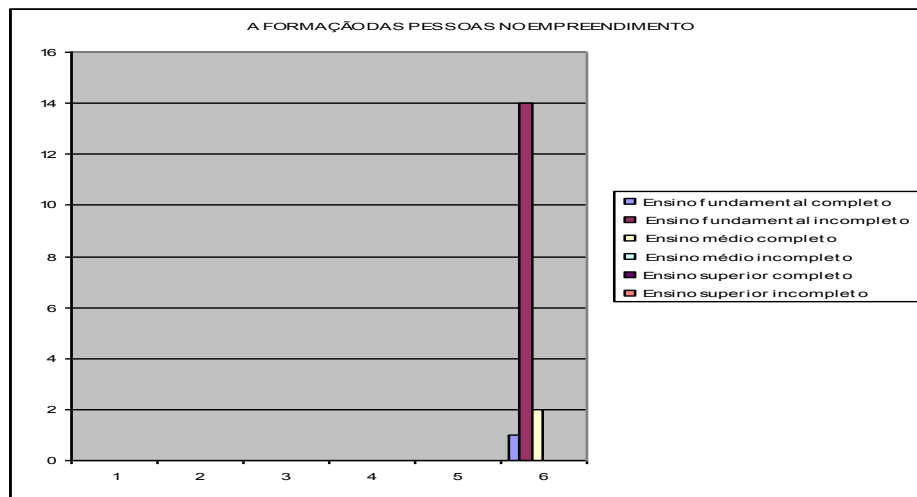


Gráfico 3: O nível educacional das pessoas do empreendimento

Fonte: Banco de dados da pesquisa

Observando o gráfico acima, nota-se, nas mulheres entrevistadas, a baixa escolaridade, muitas não concluíram o ensino fundamental, outras não conseguiram terminar o ensino médio. Isto é também um fator importante na busca de emprego, o mercado contrata somente aquelas que têm capacitação profissional. Essas mulheres encontraram na cooperativa espaço para trabalhar, espaço de inclusão, espaço de partilha de vida e espaço de fonte de renda da família.

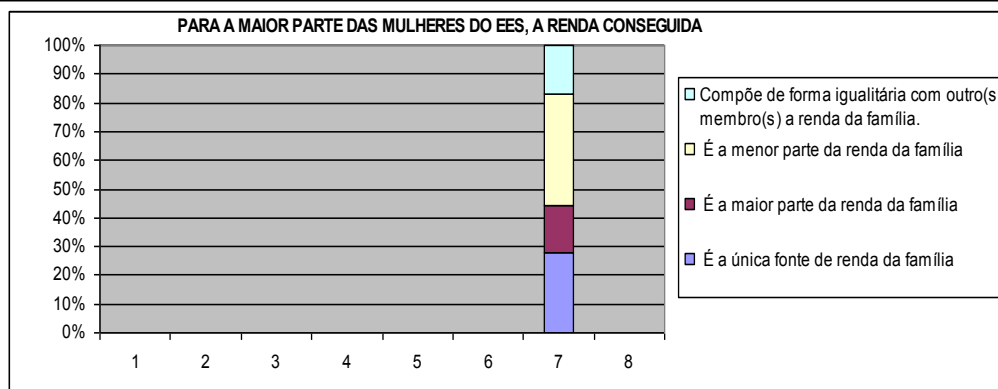


Gráfico 4: Renda conseguida com a atividade econômica no EES

Fonte: Banco de dados da pesquisa

Nota-se através do gráfico acima que para algumas mulheres a renda conseguida no EES é a menor renda que entra no orçamento doméstico e em outros casos é a única, como também para algumas a fonte de renda compõe de forma igualitária com os outros membros da família.

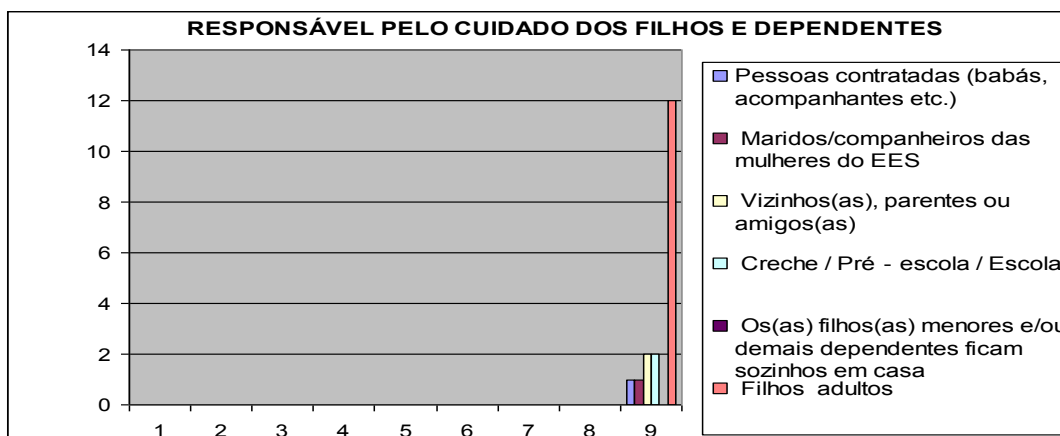


Gráfico 5: Responsável pelo cuidado dos filhos e dependentes

Fonte: Banco de dados da pesquisa

Observando o gráfico acima se percebe que muitas das mulheres da Cooperativa têm filhos adolescentes e jovens e não precisam do cuidado e algumas que têm crianças pequenas, deixam aos cuidados, parentes, pessoas contratadas e nas creches.

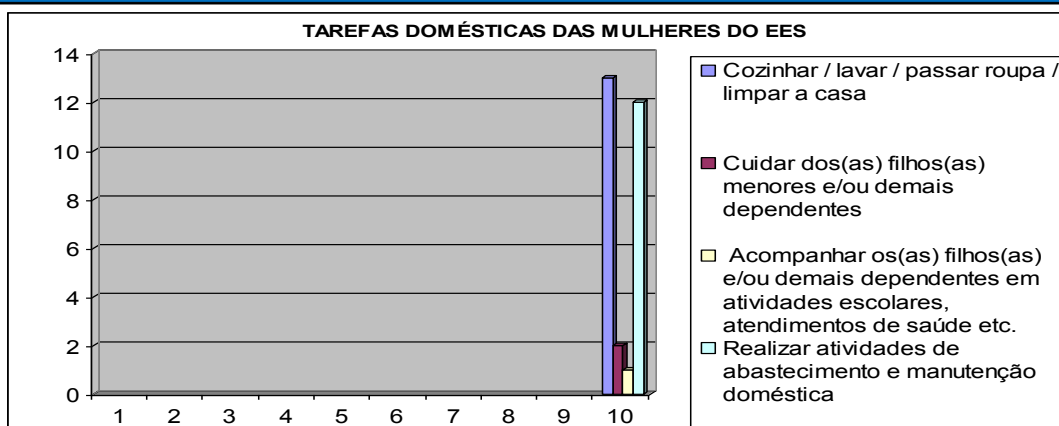


Gráfico 6: Tarefas domésticas das mulheres do EES

Fonte: Banco de dados da pesquisa

Analisando o gráfico acima verifica que as mulheres têm diversas funções a realizar em suas casas. Todas essas mulheres têm responsabilidade nas tarefas domésticas, é a dupla jornada de trabalho: fora e dentro de casa. No entanto, são pessoas corajosas, motivadas e solidárias umas com as outras. Percebe-se que há no ambiente de trabalho a entre ajuda e também a partilha do pão. Ninguém é discriminado, todos e todas têm vez e voz no empreendimento.

As mulheres tiveram muitas conquistas e também enfrentaram os desafios no processo de busca de transformação coletiva. Principalmente no enfrentamento no que diz respeito na questão de gênero que é um dos pontos a ser trabalhados pelos homens e pelas mulheres para que assim juntos busquem vivenciar uma economia possível para a população, em especial as mais carentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de perceber a participação da mulher e sua resistência diante da sociedade capitalista e o seu protagonismo nos empreendimentos, foi necessário fazer uma caminhada pela história e aprofundar as raízes do capitalismo, que é um sistema que se diferencia pela propriedade privada dos meios de produção, e tem como centro o 'capital'. Este sistema contribuiu para a exclusão e discriminação das mulheres, das pessoas menos favorecidas e da classe trabalhadora.

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

As mulheres no capitalismo não tinham visibilidade e eram exploradas dos seus direitos básicos de trabalhadora e discriminadas pelo fato de ser mulher. Porém, as mulheres mostraram sua resistência frente aos enormes desafios do sistema capitalista e foram protagonistas na história que marcou o dia 08 de março. Mostraram que unidas eram mais fortes, foram para as ruas e gritaram pela justiça e igualdade social e de gênero, algumas foram mortas, mas a luta continuou até os dias de hoje, porque enquanto houver desigualdade entre os sexos, preconceito e exploração a luta continuará.

O capitalismo não é o único sistema econômico que responde às necessidades da sociedade, não é um sistema totalmente alicerçado, ele enfrentou várias crises que favoreceu o crescimento do desemprego, o aumento da inflação, a instabilidade do sistema monetário internacional, a competitividade entre as grandes empresas e a concentração da renda nas mãos de poucos.

Com o passar do tempo foram surgindo alternativas de mudanças para: uma economia que olha o ser humano na sua totalidade e não como objeto de exploração; uma economia que respeita a natureza e não há tanta destruição prejudicando a ‘Casa Comum’: O Planeta; uma economia onde as mulheres têm visibilidade e não são discriminadas por ser mulher, recebendo baixos salários, enfrentando o machismo, a violência e outros. Essa economia foi e é possível com a Economia Solidária.

Na economia solidária notam-se os seguintes valores: igualdade, solidariedade, respeito à pessoa e a natureza, cooperação e busca a realização e satisfação das necessidades do ser humano. É uma economia que tem como princípio a autogestão que é uma organização democrática onde todos/as têm vez e voz nas decisões tomadas nas assembleias e na divisão dos lucros e também nos prejuízos caso houver.

A inserção das mulheres nos empreendimentos econômicos solidários tem ajudado a vivenciar espaços democráticos de conquista, de autonomia contribuindo para o fortalecimento de vínculos sociais e inclusão das pessoas. Nesses espaços são debatidos a questão de gênero que precisa ser refletido com maior profundidade, para que as mulheres não sofram com a invisibilidade, principalmente nos empreendimentos onde a participação dos homens é elevada em relação às mulheres.

Na Cooperativa de Triagem Recoopera a participação das mulheres é maior em relação aos homens. Elas estão à frente da administração e produção e confirmaram, através da pesquisa, que não há diferença entre eles, todos/as têm os mesmos direitos e deveres. É nítido perceber que a presença das mulheres no empreendimento, desde o seu nascimento, fez

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia
Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

e faz a diferença, pois houve mudanças na vida pessoal, familiar e social. A mudança é percebida na auto-estima, nas relações com as pessoas e com a natureza, e tem ajudado na conscientização ecológica orientando a população de Valinhos a fazer a coleta seletiva do lixo.

De fato, a presença das mulheres, na Cooperativa de Triagem Recoopera, é uma resposta criativa à nova forma de produção, transformação social, e de compromisso com o meio ambiente. É profundamente evangélico o trabalho desta Cooperativa, pois uniu pessoas no mesmo sonho, criou redes de relações dentro e fora, abertura para acolher novos sócios, partilha da vida e busca de conquistar um espaço próprio para armazenamento dos materiais que serão reciclados.

Portanto, é fundamental que as mulheres e homens que fazem parte da economia solidária busquem prosseguir suas ações, suas reivindicações frente às autoridades públicas, mas também vivenciar a união e o respeito mútuo. Jamais perder a esperança diante dos desafios que aparecerão; acreditar que 'outro mundo é possível', 'outra economia é possível', pois o Deus da Vida e da História caminha com eles e elas.

REFERÊNCIAS

- BICALHO, Elizabete. **Gênero e Teologia: Interpelações e Perspectivas**. São Paulo: Loyola, 2003.
- DEMOUSTEIER, Daniele. **A Economia Social e Solidária: um novo modo de empreendimento associativo**. São Paulo: Loyola, 2006.
- FREIRAS, Maria C. **Gênero e Teologia: Interpelações e Perspectivas**. São Paulo: Loyola, 2003.
- GUÉRIN, Isabelle. **As Mulheres e a Economia Solidária**. São Paulo: Loyola, 2005.
- MOTHÉ, Daniel. **Dicionário Internacional da Outra Economia**. São Paulo: Almedina, 2009.
- SANTOS, Graciele. **Fórum Brasileiro de Economia Solidária**, Caderno de Aprofundamento aos debates, novembro de 2007.
- SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.
- SINGER, Paul; SOUZA, André R. de. **Uma Outra Economia é Possível: Paul Singer e a Economia Solidária**. São Paulo: Contexto, 2003. 35 p.